Seja bela e cale a boca

A diva Delphine Seyrig vira artista maior e militante em 'Jeanne Dielman'.

Longa de 1975 foi eleito em 2022 o melhor filme de todos os tempos

Por Mario Sergio Conti

Valor, 19.set.2025

O [relançamento](#) de "Jeanne Dielman", eleito o melhor filme de todos os tempos em 2022, é uma chance de ver um rito de passagem raro. Assiste-se à morte de uma diva e ao nascimento de uma ativista — e à síntese das duas na [arte](#) da atriz Delphine Seyrig.

Na última enquete que a [Sight and Sound](#) faz a cada década, na qual votaram mais de 1.600 críticos do mundo todo, "Jeanne Dielman" chegou ao primeiro lugar, disse a revista, devido a sua "abordagem consciente e radical do [cinema](#)".

Na estreia, em 1975, porém, ele teve uma recepção tépida até no circuito de filmes cabeça – menos por durar 3h20 e mais por acompanhar o dia a dia e a insípida vida sexual de uma dona de casa. E foram esses mesmos atributos que levaram Delphine Seyrig a encarnar Jeanne Dielman.

Ela era até ali uma sílfide com o apolíneo perfil de Greta Garbo e a rouquidão lasciva de Marlene Dietrich. Alain Resnais a descobriu em Nova York, onde fazia teatro, e a chamou para interpretar a dama enigmática de "O Ano Passado em Marienbad".

Assim como o filme, Seyrig causou espécie: era uma aparição, não uma mulher real. Alçada ao pódio de prima-dona do cinema de alto coturno, fez dois filmes com Buñuel, outros dois com Joseph Losey e quatro com Marguerite Duras.

Discussões, notícias e reflexões pensadas para mulheres

Quem disse que ela era uma aparição foi o impúbere Jean-Pierre Léaud de "Beijos Roubados", de Truffaut. Seyrig, que fazia a esposa do seu patrão, foi a seu quarto e lhe explicou: "Não sou uma aparição, sou uma mulher, e sou excepcional porque todas as mulheres o são".

Ato contínuo, propõe ao rapazote transarem por um par de horas e nunca mais se verem – e ele aceita mais que depressa. Seyrig domina a

cena. Com um mínimo de frases e um máximo de sorrisos, cria uma imagem memorável do amor: a fusão de liberdade, alegria, libertinagem e encanto.

Com 42 anos, ela estava no auge quando uma moça de 24 a procurou. Era [Chantal Akerman](#), diretora de meia dúzia de curtas-metragens experimentais que ninguém vira. Convidou-a para o papel-título de "Jeanne Dielman", um longuíssima-metragem sobre três dias da vida de uma mulher banal, uma viúva que morava com o filho.

E assim é: Jeanne varre a casa, vai às compras, põe a mesa, faz o jantar, fala com o filho, lava a louça. Faz tudo em tempo real, contemplada a uma distância respeitosa por uma câmara imóvel.

Eis que a campainha toca, entra um senhor de meia-idade e vai para o quarto. Tira a roupa enquanto ela se estende na cama. Inerte, Jeanne olha para o teto e ele a penetra muda e metodicamente. Finda a função, veste-se, deixa algumas notas na mesa e se vai.

Seyrig contou que aceitara ser a protagonista porque, para ela, havia bilhões de mulheres no mundo como Jeanne. Faziam sexo não por prazer, mas porque eram pagas. Seus maridos lhes davam dinheiro para cuidar da casa e dos filhos —e irem para a cama com eles. Tinham uma vida melancólica, mas não necessariamente imutável. Com Jeanne, por exemplo, ocorre algo que abala seu mundo.

A partir de "Jeanne", a atriz engajou-se no feminismo. Participou do Movimento de Libertação das Mulheres e assinou o [Manifesto das 343](#) que admitiam ter feito aborto, o que era crime, e pediam mudanças na lei.

Para além da participação política, dirigiu filmes militantes. Um deles teve tema brasileiro, o documentário "[Inês](#)". Ele conta a trajetória de Inês Etienne Romeu, que durante a ditadura foi seviciada na [Casa da Morte](#), o centro de torturas montado por militares em Petrópolis. Feito em 1974, quando a ditadura parecia inamovível, e Inês mofava na cadeia, o filme de 20 minutos foi vital na campanha internacional pela sua libertação.

Fez também um longa-metragem marcante, o documentário "[Seja Bela e Cale a Boca](#)", inovador na técnica e no tema. Seyrig foi a segunda

pessoa na França (a primeira foi Godard) a usar uma câmera de cinema portátil e com gravador embutido.

Com ela, entrevistou 26 atrizes americanas e francesas —um arco que vai de Jane Fonda a Maria Schneider. Sem a presença de uma câmera enorme e barulhenta, nem de microfones, e falando a uma colega, elas explicam com vagar que vieram de baixo, que são profissionais, donas de casa, vítimas e vanguarda de uma indústria machista.

Seyrig pretendia, também ela, dar um depoimento para o filme. Desistiu ao perceber que tudo o que queria dizer já fora falado pelas entrevistadas. Condensou sua experiência em "Seja Bela e Cale a Boca" com uma frase solidária e generosa, além de feminista: "Eu sou as outras".